

**Designing
Researching
Thinking**

coordenação / edited by
Armando Rabaça
Bruno Gil

**O desenho como mediação.
As Termas Romanas de São Pedro do Sul
por João Mendes Ribeiro**

**Drawing as Mediation.
The Roman Baths of São Pedro do Sul
by João Mendes Ribeiro**

eldlarq

Sumário

Contents

Armando Rabaça Bruno Gil	6 Designing Researching Thinking Um preâmbulo	10 Designing Researching Thinking An Introduction
João Mendes Ribeiro	16 A realidade reinventada nas Termas Romanas de São Pedro do Sul	23 Reality Reinvented in the Roman Baths of São Pedro do Sul
João Gomes da Silva	30 Os Banhos Romanos de São Pedro do Sul	33 The Roman Baths of São Pedro do Sul
	38 Cronologia	46 Timeline
	51 Esquissos de levantamento	Survey Sketches
	75 Esquissos de projecto	Study Drawings

	97	
	Desenhos de projecto	Blueprints
	145	
	Fotografias	Photographs
	193	
	Ensaaios	Essays
	194	197
Pedro Alarcão	O resgate do tempo	The Recovery of Time
	200	204
Nuno Valentim	Sobre o projecto de arquitectura nas ruínas do Balneário Romano de São Pedro do Sul	On the Architectural Project in the Ruins of the Roman Baths of São Pedro do Sul
	208	220
Barbara Bogoni	Como um arqueólogo, entre fragmentos de arquitectura, história e poesia, desenhando...	Like an Archaeologist, Between Fragments of Architecture, History, Poetry and Drawing...
	229	
	Ficha técnica	Technical Data

Longa tem sido a vida das antigas termas romanas de São Pedro do Sul, junto ao Rio Vouga; assim como longo foi o uso a que se destinavam, a de termas medicinais, aproveitando as quentes águas sulfurosas de uma nascente que dista cerca de 500 metros do edifício. Se das termas originais, construídas na primeira metade do século I d.C. pouco restou, após a primeira reformulação a que foram sujeitas, em resultado da rebeldia do Rio Vouga, passados pouco mais de cinquenta ou sessenta anos, o mesmo não ocorreu nos períodos de transformação seguintes. No século XVI, fizeram-se importantes obras de remodelação, de que o portal manuelino aberto na fachada Nascente é testemunha e se fundou o Hospital Real, com provável construção de um sobrado sobre a sala principal e substituição da cobertura abobadada por uma cobertura em telhado de duas águas; e, mais tarde, no início do século XVIII, ampliou-se o edifício para Nascente e Sul, com a construção da Capela de Nossa Senhora da Saúde; intervenções estas que se realizaram sempre mantendo e integrando traços e elementos das antigas termas romanas.

O valor de uso do edifício, primeiro como termas medicinais¹ e mais tarde também associado ao culto,² foram o garante da sua preservação.

Uma posterior e curta utilização, como Escola Primária, que ocupou a ala Norte do edifício, ocorreu entre os anos 1931 e 1954. Seguiu-se a ocupação como café, nos anos setenta do século XX; até que em 1995, já só tendo como função a arrecadação de barcos, o Rio Vouga o destruiu de novo parcialmente, fazendo ruir o seu cunhal Nordeste.

Foi esta condição particular de ruína³ com que João Mendes Ribeiro se deparou, encontrando-se a ala Poente do edifício, correspondente às antigas termas romanas, sem cobertura⁴ e o referido cunhal Nordeste, correspondente à ampliação do século XVI, desaparecido.

Os objectivos da intervenção parecem-nos hoje muito claros, recuperar o edifício e a sua envolvente, tendo em conta

¹ Mesmo após a inauguração do Balneário Rainha D. Amélia, em 1884, as antigas termas continuaram a servir populações menos favorecidas.

² A Capela Nossa Senhora Saúde, esteve aberta ao culto até ao ano de 1998, altura em que se inaugura uma nova igreja em São Pedro do Sul.

³ Referimos esta condição particular de ruína, em contraponto com a ruína dita tradicional ou arqueológica, revelada por escavação; aquela que, enquanto arquitectura, com a tríade vitruviana quebrada, perdeu as suas *propriedades de utilitas*, em grande parte de *firmitas*, preservando a *venustas*, sempre alterada e, muitas vezes sobrevalorizada, pelo facto de se ter tornado precisamente numa ruína. A ruína que João Mendes Ribeiro observou tinha esta dupla característica, por um lado de arquitectura fragmentada e de difícil inteligibilidade, dada a sobreposição das diversas fases construtivas, em algumas

zonas; contendo, por outro lado, como refere Cesare Brandi e abordaremos posteriormente, "uma vitalidade implícita, suficiente para empreender [parcialmente] uma reintegração da sua unidade potencial original." Cesare Brandi, *Teoría de la restauración* (Madrid: Alianza Forma, 1993), 36. Publicado originalmente em 1963.

⁴ Refira-se aqui a importância dada à cobertura na manutenção dos edifícios que, tal como salientava Alberti, não só protege os habitantes "da chuva e, acima de tudo, do sol escaldante, mas também constitui uma segurança incalculável para todo o edifício." Leon Battista Alberti, *Da arte edificatória* [*De Re Aedificatoria*], tradução Arnaldo Monteiro do Espírito Santo, introdução Mário Júlio Teixeira Krüger (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011), 176. Publicado originalmente em 1485.

o seu rico processo de transformação, e as circunstâncias em que se encontram cada uma das suas partes constituintes; mas fazendo escolhas.⁵ No exterior, recuperou-se o tanque de arrefecimento de água localizado a Poente,⁶ que estava coberto por uma laje de betão e toda a zona do pórtico envolvente à *natatio*,⁷ localizada a Nascente. No que diz respeito ao edifício propriamente dito, a operação passou por resgatar a sua volumetria total e conceber uma cobertura homogénea, que reunisse os vários fragmentos existentes, conferindo-lhes unidade, sem anular o seu carácter fragmentário.

No seu interior, seleccionaram-se criticamente os elementos a preservar, tendo em conta as diversas características espaciais e os vestígios preservados. No espaço principal das antigas termas, removeu-se a estrutura porticada erguida no século XVI no perímetro da piscina interior,⁸ e mantiveram-se à vista todos os elementos constituintes da parede pétreia envolvente, eloquentes testemunhos de todo o processo de transformação do edificado, como num palimpsesto, para além da carga de *beleza* que comportam.

Neste espaço, agora já de leitura global garantida e recuperados os seus belíssimos canais de captação e condução de água, procurou-se evocar a espacialidade original, de cobertura abobadada, para garantir que os pingos de condensação existentes no espaço não caíssem sobre os banhistas, bem como a entrada de luz que se imagina ter existido, tensa e direcionada, como ainda hoje podemos percepcionar em termas romanas mais conservadas, como é o caso das termas de Pompeia. Esta operação evocativa é realizada com a instalação de uma cobertura interior abobadada, na exacta posição indicada nos testemunhos parietais e em elementos de tijolo, tal como os romanos tinham construído pelo menos os arcos de suporte da sua cobertura e cujos vestígios se encontram igualmente presentes na eloquente parede preservada. O plano de tecto evocativo é sustentado por uma delgada estrutura metálica, autónoma das paredes limítrofes. A luz é introduzida

por um grande lanternim, único elemento marcante na silenciosa e homogénea cobertura proposta, que garante, interiormente, a iluminação e atmosfera que se pretende evocar. De igual modo, a presença da água permite completar este ciclo evocativo, pela presença visual dos seus reflexos, pela sua sonoridade e temperatura e pela humidade provocada.

Por outro lado, a recuperação da ala Nordeste permitiu criar o espaço de recepção e um espaço de apoio no piso superior, operando-se outra estratégia igualmente muito interessante e engenhosa, pois a vontade de estabelecer relações visuais claras entre os novos espaços criados e a zona do vestíbulo das antigas termas, foi conseguida através de uma vitrina; mecanismo que permite recuperar materialmente a espessura da antiga parede existente, agora visualmente desmaterializada. Nesta zona Norte e Nascente, de mais difícil leitura e inteligibilidade e mais próxima do contexto de ruína atrás referido, com sobreposição das diversas camadas de edificação, a leitura do tecto é anulada com a sua pintura a negro. Os restantes elementos preservados nesta zona, tais como as banheiras individuais do século XIX, revestidas a azulejo, ou os troços de mosaico hidráulico dos sanitários da antiga escola, são tratados e integrados com a mestria com que João Mendes Ribeiro nos habituou a ver noutras obras suas, como no Laboratório *Chimico* ou no Centro de Artes Visuais de Coimbra, a título de exemplo.

Finalmente, no exterior do edifício, havia um desafio muito complexo a realizar, que passava pela recuperação do seu cunhal Nordeste, resgatando igualmente o limite Poente da grande piscina exterior romana, a que a construção do Hospital Real se sobrepôs parcialmente. Para isso, João Mendes Ribeiro suspende a maciça parede revestida a granito sobre um perfil metálico, dramatizando esta acção de tensão entre *leveza* e *massa*, permitindo assim uma leitura completa da antiga piscina. A métrica dos vãos da parede ruída foi reposta e a mesma revestida a granito de superfície tratada com jacto de areia, de dimensões similares ao aparelho

5 Fernando Távora chama a atenção para o facto de toda a intervenção arquitectónica, sendo condicionada, isto é, fruto da circunstância, se tornar depois condicionante, constituindo uma outra ordem, uma nova circunstância. Fernando Távora, *Da organização do espaço* (Porto: Edições do Curso de Arquitectura da ESBAP, 1982), 35. Publicado originalmente em 1962.

6 Necessita de um tanque de arrefecimento, prévio ao consumo humano, a água termal que, "bicarbonata, fluoretada, sulfidratada sódica e fortemente silicatada brota a 68,7°". Helena Frade e José Beleza Moreira, "A arquitectura das Termas romanas de S. Pedro do Sul," *Espacio, Tiempo y Forma*, Revista de La Facultad de Geografía, Série II, V (1992): 516.

7 Não é certo ter existido uma *natatio* nas Termas Romanas de São Pedro do Sul, pois a *natatio* é uma piscina para nadar e esta pode ter sido uma piscina exterior de água quente, igualmente com fins medicinais.

8 Defende Cesare Brandi, o precursor do denominado Restauro Crítico, que "a exigência histórica não pode ceder ante nenhuma outra coisa que não seja a instância estética." Brandi, *Teoría de la restauración*, 61.

de pedra existente e ligeiramente recuado do plano original. Este recuo, prática que nem sempre os arquitectos utilizam, quando pretendem indicar que a pedra original, já desgastada pelo tempo, se mostra recuada em relação ao plano mais recente,⁹ permite criar uma hierarquia clara, colocando num segundo plano a nova superfície, de linguagem arquitectónica mais contemporânea e simplificação de elementos, como é o caso da continuidade da cornija, que se evoca através da saliência da última fiada da pedra de revestimento.¹⁰ Nesta transição tranquila, *analógica*,¹¹ sobressai uma fresta vertical, entre os dois planos de parede, original e reconstruída, imediatamente abaixo da linha de beiral do telhado. Foi a forma como João Mendes Ribeiro conseguiu garantir a ventilação forçada das novas instalações sanitárias, evitando a colocação de elementos dissonantes na cobertura, como garantia da almejada e tão bem-sucedida operação de *resgate do tempo*, realizada nas Termas Romanas de São Pedro do Sul.¹²

9

"... tende hoje a considerar-se que cada caso é um caso e que a teoria da intervenção nascerá de cada circunstância nunca generalizável – circunstância de que fazem parte não só a expressão da individualidade de cada autor, como a obrigação ética de um rigoroso e exaustivo reconhecimento histórico e arqueológico do edifício a transformar." Alexandre Alves Costa, "Património entre a aposta arriscada e a confiança nascida da intimidade," *Jornal dos Arquitectos*, À la recherche du temps perdu, no. 213 (2003): 9.

10

Esta operação de síntese, de redução ao essencial, remete-nos para a exemplar obra de ampliação do Banco de Espanha, em Madrid, de Rafael Moneo; em que o arquitecto opta por simplificar a decoração e as figuras da fachada, no novo corpo; originalmente mais realistas e posteriormente mais estilizadas.

11

Antón Capitel que, com Ignasi Solà-Morales, é o precursor da denominada Intervenção Analógica, defende "um campo de actuação diferente, não limitado a posições únicas,

em que o necessário novo desenho seja capaz de interpretar o "eco" do antigo, a simpatia do monumento, e encontre assim a solução numa harmonia analógica que, evitando os equívocos históricos, não se sinta obrigada a exhibir diferenças artificiais nem distâncias mentais, mas que procure uma relação lógica, rigorosa e bela com o antigo." Antón Capitel, *Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración* (Madrid: Alianza Editorial, 1992), 49. Publicado originalmente em 1988.

12

Devemos o título desta nossa reflexão a Paulo Pereira, que se referiu à importância de assegurar a denominada "*experiência de passagem*", em que se processa "uma 'saída' da ordem reconhecível das coisas – ou seja, da ordem quotidiana, comum e banal das coisas que nos rodeiam e que constituem o nosso quadro de vida –, e uma 'entrada' numa espécie de falha ou cesura temporal e espacial, por vezes inesperada e insólita, muitas vezes estranha", no sublime texto "Lugares de passagem e o resgate do tempo," *Património/Estudos*, no. 1 (2001): 6–16.

Situated on the banks of the River Vouga, the ancient Roman Baths of São Pedro do Sul have long been in existence, as has the use for which they were intended – that of thermal baths, with their hot sulphurous waters emanating from a spring located approximately 500 metres from the main building. If there was scant evidence of the original baths built in the 1st century AD after the first renovations undertaken approximately fifty or sixty years later due to the ravages of the River Vouga, the same could not be said of subsequent periods of transformation. In the 16th century, important remodelling works were carried out, the Manueline doorway on the east façade being one such example, and the Royal Hospital was founded, with the probable construction of a pavement above the main hall and the substitution of the domed ceiling for a gabled roof. Later, at the beginning of the 18th century, the building was extended to the east and south, with the construction of the *Capela de Nossa Senhora da Saúde* (Chapel of Our Lady of Health). These works were carried out in such a way as to always preserve and incorporate features of the ancient Roman baths.

The value bestowed upon the building, in terms of its use, first as a medicinal spa¹ and later as a place of worship,² was the guarantee of its preservation.

A subsequent and short-lived period as a primary school, occupying the north wing of the building, took place between 1931 and 1954, followed by a period as a café in the 1970s, until in 1995, at which time its sole function was to house a collection of boats, the River Vouga once again partially destroyed it, causing its north-eastern corner to collapse.

This was the state in which João Mendes Ribeiro found the ruin³ – at the west wing of the building – corresponding to the old Roman baths, without a roof,⁴ with the aforementioned north-eastern corner, corresponding to the 16th century extension, having disappeared.

The objectives of the renovations seem very clear to us today – to restore the building and its surroundings, taking into account

1 Even after the opening of the *Balneário Rainha D. Amélia* (Bathhouse) in 1884, the old spa continued to serve underprivileged sections of the population.

2 The *Capela de Nossa Senhora da Saúde* was open for worship until 1998, when a new church was inaugurated in São Pedro do Sul.

3 We refer to this particular state of the ruin, in contrast to the so-called *traditional or archaeological ruin*, uncovered by excavation; that which, as architecture, with the Vitruvian Triad broken, had lost its *qualities of Utilitas*, in large part its *Firmitas*, its *Venustas* being preserved, permanently altered and very often overestimated, precisely because it has become a ruin. The ruin João Mendes Ribeiro encountered had these dual features – on the one hand, a fragmented architecture of difficult intelligibility, due to the overlapping, in certain areas, of various phases of construction, while on the other,

containing, as Cesare Brandi – who we will subsequently discuss – indicates, “an implicit vitality, sufficient to undertake [partially] a reintegration of its original and potential wholeness.” Cesare Brandi, *Teoría de la restauración* (Madrid: Alianza Forma, 1993), 36. Originally published in 1963.

4 Here we should mention the importance accorded to the roof in the maintenance of buildings which, as Alberti indicated, not only protects the occupants “from rain and, above all, from the scorching heat of the sun, but also provides immense stability for the whole building.” Leon Battista Alberti, *Da arte edificatória [De Re Aedificatoria]*, translation Arnaldo Monteiro do Espírito Santo, introduction Mário Júlio Teixeira Krüger (Lisbon: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011), 176. Originally published in 1485.

its rich process of transformation, and the circumstances of each of its constituent parts; but choices having to be taken.⁵ Outside, the water-cooling tank, located to the west,⁶ and covered by a concrete slab, together with the whole area of the portico surrounding the *natatio*,⁷ located to the east, were recovered. As for the building itself, the operation was to retrieve its space in its entirety and to devise a similar roof that would pull together the several existing fragments, affording them unity, but without nullifying its fragmentary character.

The elements to conserve in the interior were scrupulously selected, along with careful consideration of the various spatial characteristics and the objects preserved. In the main area of the old thermal baths, the porticoed structure erected in the 16th century on the perimeter of the indoor pool was removed,⁸ and all the constituent components of the surrounding stony wall were kept visible, constituting eloquent testimonies to the entire process of the building's palimpsest-like transformation, along with the significance of their inherent *beauty*.

With the overall view of the building now guaranteed and with the stunning channels for collecting and conveying water renovated, efforts were made to evoke the original design – with a domed roof built to ensure that the condensation would not drip on the bathers below, as well as a concern with the transmission of light, taut and well-directed, which one imagines would have existed, a feature still observable today in the better preserved Roman baths, as is the case of the Baths of Pompeii. This evocative undertaking was carried out with the construction of a domed inner roof, in exactly the same place, verifiable in the walls and brick objects, just as the Romans had built the roof-supporting arches, the traces of which are also present in the strikingly preserved wall. The allusive ceiling is supported by a slender metal structure, independent of the adjacent walls. Light is provided by a large lantern, the only striking element on the silent and uniform roof, ensuring the illumination and atmosphere is that which was envisioned.

Similarly, the existence of water completes this suggestive cycle, through the visual presence of its reflections, its sound and temperature, and the humidity it produces.

On the other hand, the renovation of the north-eastern wing allowed for the creation of the reception as well as an area for assistance on the upper floor. Another equally fascinating and ingenious strategy was to establish clear visual relations between the new spaces created and the vestibule of the old thermal baths. This was achieved by means of a *vitrina*; a mechanism that allows the thickness of the former wall to be materially recovered, now visually dematerialised. In this north-eastern zone, more difficult to interpret and understand, closer to the context of the aforementioned ruin, with the various layers of past construction superimposed over one another, the interpretation of the ceiling is nullified by it being painted black. The remaining artefacts preserved in this area, such as the individual 19th century bathtubs, covered in tiles, or the sections of hydraulic mosaic floor tiles in the toilets of the old school, are handled and integrated with the mastery that we have become accustomed to seeing in the other works of João Mendes Ribeiro, such as the *Laboratório Chimico* (Chemistry Laboratory) or the *Centro de Artes Visuais de Coimbra* (Visual Arts Centre of Coimbra), for example.

Finally, outside the building, a highly complex challenge lay in wait, namely the reconstruction of its north-eastern corner and the salvaging of the western edge of the large Roman outdoor swimming pool, which was partially covered by the construction of the Royal Hospital. To achieve this, João Mendes Ribeiro suspended the massive granite-clad wall over a metal frame, dramatizing the tension between lightness and mass, thus allowing for a sweeping interpretation of the ancient pool. The spacing of the openings in the collapsed wall was restored and the surface was clad in sandblasted granite, of similar dimensions to the existing stone structure and slightly set back from the original plane. This indentation, a practice not always used by architects when

5

Fernando Távora draws attention to the fact that as all architectural intervention is conditioned, that is, the result of circumstances, it subsequently becomes conditioning, constituting a different order, a new set of circumstances. Fernando Távora, *Da organização do espaço* (Porto: Edições do Curso de Arquitectura da ESBAP, 1982), 35. Originally published in 1962.

6

Needing a cooling tank prior to human consumption, the thermal water containing "bicarbonate, fluoride, sodium sulphate and being strongly silicated emerges from the spring at a temperature of 68,7°." Helena Frade e José Beleza Moreira, "A arquitectura das Termas romanas de S. Pedro do Sul," *Espacio, Tiempo y Forma*, Revista de La Facultad de Geografía, Série II, v (1992): 516.

7

There is no certainty as to whether there was a *natatio* in the Roman Baths of São Pedro do Sul, because a *natatio* is a swimming pool and this could have been an outdoor hot water pool, also used for medicinal purposes.

8

Brandi, the pioneering figure of the so-called Critical Restoration, argues that "the historical requirement cannot yield before anything other than the aesthetic instance." Brandi, *Teoría de la restauración*, 61.

they wish to indicate that the original stone, already weathered by time, is set back in relation to the most recent plane,⁹ allows a clear hierarchy to be created, placing the new surface on a second plane, thereby embodying a more contemporary architectural language and the simplification of elements, such as the continuity of the cornice, which is brought about through the projection of the last row of stone cladding.¹⁰ In this smooth, analogue transition,¹¹ a vertical gap – between the two, original and reconstructed, wall planes, immediately below the roof eaves line – stands out. This was the *modus operandi* through which João Mendes Ribeiro managed to achieve the required ventilation of the new bathroom facilities, avoiding the need to situate incongruous elements on the roof, and thereby ensuring the longed for recovery-of-time was so successfully undertaken at the Roman Baths of São Pedro do Sul.¹²

9

"... today, there is a tendency to consider each case a case and that the theory of intervention emerges from each set of circumstances, never generalizable – circumstances that not only include the expression of each author's individuality, but also the ethical obligation of a rigorous and exhaustive historical and archaeological recognition of the building to be transformed." Alexandre Alves Costa, "Património entre a aposta arriscada e a confiança nascida da intimidade," *Jornal dos Arquitectos*, À la recherche du temps perdu, no. 213 (2003): 9.

10

This process of synthesis, one of reduction to the essential, leads us to think of Rafael Moneo's exemplary extension of the Bank of Spain, in Madrid, in which the architect chose to simplify the decoration and the figures of the façade in the new structure – originally more realistic and later more stylised.

11

Antón Capitel, along with Solà-Morales, forerunner of the so-called Analogical Intervention, advocates "a different field of action, not limited to single positions, in which the requisite new approach is able to interpret the 'echo' of the ancient,

the charm of the monument, and thus find the solution in an analogical harmony which, avoiding historical equivocations, does not feel obliged to display artificial differences or mental distances, but which seeks a logical, rigorous and beautiful relationship with the ancient." Antón Capitel, *Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración* (Madrid: Alianza Editorial, 1992), 49. Originally published in 1988.

12

We owe the title of this reflection to Paulo Pereira, who, in his sublime text "Places of transit and the recovery of time", referred to the importance of ensuring the so-called "experience of transit", in which there is "an 'exit' from the recognisable order of things – that is, from the everyday, common and banal order of things that surround us and that constitute our framework of life – and an 'entry' into a kind of temporal and spatial gap or caesura, at times unexpected and unusual, often uncanny." Paulo Pereira, "Lugares de passagem e o resgate do tempo," *Património/Estudos*, no. 1 (2001): 6–16.